

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1923, aos 47 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Serviço Antropométrico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Bohème* e as seguintes revistas parciais: *Os Lusitânicos* (1913), *Os Lusitânicos* com José de Alencar, *Os Lusitânicos* com José de Alencar e *Os Lusitânicos* com José de Alencar.

## ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Teve ainda parte de seu trabalho publicado em *Revista de Letras*, periódico distribuído entre juristas. Após ingressar na carreira pública, em 1901, quando foi eleito presidente do estado, dirigiu a *Revista de Letras*, publicação espaçada. Com a ajuda de Leonardo Melo, jornalista, e de Zé de Albuquerque, quadro acadêmico, ocasião em que o material de sua obra foi publicado na *Revista Cearense de Letras*.

A REDENÇÃO DO ACAMARÉ

LEONARDO MELO  
1901

Vence a Fúria e o Desejo,  
Que se iluminam de luz,  
Das cinzas do Proconceito  
Recupera novos bens,  
Tirando a fim a unidade,  
Magnando a Legalidade,  
Que tem a sombra e não tem luz,  
Que um povo que se redime,  
É um exemplo sublime,  
Que a Féria é Glória condida.

Os céus se vestem de espumas,  
A terra de luz e flores,  
O sol se adorna das pássaros.

## MILTON DIAS

José Milton de Vasconcelos Dias nasceu na cidade do Ipu, Ceará, em 29 de abril de 1919 e faleceu em Fortaleza no dia 22 de março de 1983, aos 64 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará e graduado em Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia do Ceará, fez curso de Literatura Francesa em Paris. Dirigiu sua atividade para o magistério secundário em Fortaleza e São Paulo e posteriormente foi professor titular de Literatura Francesa do Curso de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará. Na fase inicial ou “heróica” da UFC chefiou, por muitos anos, o gabinete do reitor Martins Filho.

Milton Dias é considerado um dos melhores cronistas do estado. Segundo Paulo Elpídio de Menezes Neto, ele soube trabalhar “com a ficção e a realidade, dando-lhe forma elegante, sem perder a graça e a irreverência do contador de estórias”. Por mais de 21 anos escreveu uma crônica semanal para o jornal *O Povo*, base da publicação de vários livros. Foi poeta e o escritor Artur Eduardo Benevides o incluiu no seu conhecido livro *Antologia de poetas bissextos do Ceará*. Recebeu várias honrarias, entre elas, a Ordem das Palmas Acadêmicas, da República Francesa e o título de Cidadão Fortalezense. Foi membro do Grupo Clá. Principais obras: *Sete-estrela*, 1960; *A ilha do homem só*, 1966; *As cunhãs*, 1966, 2ª ed. 1997; *Entre a boca da noite e a madrugada*, 1971; *Cartas sem respostas*, 1974; *Viagem no arco-íris*, 1974, em colaboração com Cláudio Martins; *Discursos acadêmicos*, 1975; *Três cidadãos de Massapê*, 1975; *As outras cunhãs*, 1976; *Péguy, poeta da esperança*, 1976; *Fortaleza e eu*, 1976; *A capitoa*, 1982; e *Passeio no conto francês*, 1982. As Edições UFC publicaram *Relembrações* em 1985 e uma segunda edição em 1997.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 10 de outubro de 1966, tendo sido saudado pelo escritor Moreira Campos. Ocupou a cadeira número 4, cujo patrono é Antônio Bezerra, vaga em decorrência da transferência do acadêmico Raimundo Girão para cadeira número 21.

### DESILUSÃO

*Na noite silenciosa da minha vida,  
ela passou como uma visão iluminada:  
tinha nos olhos um mistério verde,  
nas mãos de lírio dois segredos brancos,  
nos cabelos tinha ouro,  
nos lábios tinha púrpura.*

--- x ---

*O mistério verde era o cofre das minhas esperanças,  
o segredo branco era o relicário das minhas ilusões,  
no ouro dos cabelos eu guardava a minha cobiça,*

JOSE MURILO MARTINS

*na púrpura de seus lábios eu deixava  
a volúpia rubra dos meus desejos  
e o seu corpo, esguio, esbelto e moço,  
era o sonho maior da minha mocidade.*

--- X ---

*Um dia, encarnou-se a visão que eu conhecia  
e eu vi de perto  
que o mistério dos seus olhos era a morte,  
que o segredo de suas mãos era o infortúnio,  
e era de fogo intenso o ouro dos cabelos,  
era de sangue a púrpura de seus lábios.*

*E eu nunca mais tive esperança  
não alimentei mais ilusões  
não guardei mais cobiça  
e acabei com os sonhos todos da minha mocidade.*

(1938)

FONTE: BENEVIDES, ARTUR EDUARDO. *ANTOLOGIA DE POETAS BISSEXTOS DO CEARÁ*. FORTALEZA:  
ED. CLÁ, 1970. P. 20.

## CONFISSÃO

*Quando eu morrer, Mãe,  
esquece este filho,  
tão triste, tão pobre,  
que só pede uma planta no túmulo.  
Quando eu morrer, Mãe,  
tudo o que eu peço  
é uma oração crepuscular.  
Quando eu morrer, Mãe,  
perdoa a falsa alegria,  
o riso gratuito  
a alegria postiça  
que escondia uma tristeza tão grande  
que você, Mãe, nunca suspeitou.  
Quando eu morrer, Mãe,  
perdoa os erros todos deste filho  
que nunca deixou de ser criança.*

(01/08/73)

FONTE: DIAS, MILTON. *RELEMBRANÇAS*. FORTALEZA: IMP. UNIVERSITÁRIA, 1997. P. 5.